

«Ó ferida da injúria, condição da pobreza!»

CHAUCER

1.

Sete da manhã, na Rue du Coq d'Or, Paris. Sobe da rua uma enfiada de gritos estridentes e furiosos. Madame Monce, a dona do pequeno hotel que fica precisamente diante do meu, desceu para o passeio, e daí dirige as suas imprecações contra uma locatária do terceiro andar. Tem os pés sem meias enfiados em socos e o cabelo grisalho desgrenhado.

MADAME MONCE: «*Salope! Salope!*¹ Quantas vezes te disse já para não esmagares os percevejos contra o papel da parede? Estás convencida de que compraste o hotel, não? Não podes atirar os bichos pela janela como toda a gente? *Putain! Salope!*²»

A MULHER DO TERCEIRO ANDAR: «*Vache!*»³

Irrompe, entretanto, um coro discordante de uivos, e as janelas abrem-se de todos os lados, enquanto metade da rua se encontra já envolvida na zaragata. Mas tudo se cala de súbito, passados dez minutos, porque um esquadrão de cavalaria atravessa a rua e toda a gente fica a vê-lo passar.

Este breve apontamento destina-se apenas a transmitir ao leitor um pouco do espírito da rue du Coq d'Or. Não é que lá as zaragatas fossem o único acontecimento observável — mas é verdade que raramente se passava uma manhã sem a ocorrência de pelo menos uma crise como a que acabo de descrever. As brigas e os gritos desolados dos vendedores ambulantes, os berros das crianças dedica-

das à apanha de cascas de laranja no chão, e, com a noite, cantigas entoadas a plenos pulmões, de mistura com o cheiro azedo dos caixotes do lixo — tal era a atmosfera peculiar da rua.

Era uma rua estreitíssima — um carreiro de casas esgalgadas e leprosas, imobilizadas umas sobre as outras, rígidas, como se tivessem sido bruscamente congeladas no instante anterior à derrocada. Todas as casas da rua eram hotéis, hotéis a abarrotar de gente, na sua maioria polacos, árabes e italianos. No rés do chão dos hotéis havia pequenos *bistrots*, onde uma pessoa podia embebedar-se por uma soma equivalente a um xelim. Nas noites de sábado, cerca de um terço da população masculina do quarteirão encontrava-se em estado de embriaguez. Havia zaragata por causa de histórias de mulheres, e os locatários árabes, que viviam nos hotéis mais baratos, entregavam-se habitualmente a misteriosas dissensões internas, batendo-se com cadeiras atiradas pelo ar e, por vezes, a tiro de revólver. Durante a noite, só dois a dois os polícias entravam na rua. Era um lugar razoavelmente ruidoso. E, no entanto, no meio de toda aquela barafunda e de todo aquele barulho, vivia uma pequena população bem instalada de lojistas franceses, padeiros, lavadeiras e outros negociantes, que continuavam tranquilamente a somar as suas pequenas fortunas. Tratava-se, de facto, de um bairro característico de certas zonas pobres de Paris.

O meu hotel chamava-se Hôtel des Trois Moineaux⁴. Era um emaranhado, dividido por tabiques de madeira, em quarenta quartos. Os quartos eram pequenos e irremediavelmente sujos, porque não havia empregada de limpeza, e Madame F., a *patronne*, não tinha tempo para tratar disso. As paredes de madeira tinham a espessura de um fósforo e para tapar as rachas que abriam haviam sido cobertas por camadas e camadas de papel cor-de-rosa, que se despegavam em pedaços e serviam de abrigo a um sem-fim de percevejos. Junto ao teto, longas filas de percevejos marchavam durante todo o dia como colunas de soldados, e à noite desciam até ao chão, ferozes e famintos, de tal modo que de tantas em tantas horas o inquilino tinha que se levantar e proceder a uma hecatombe. Às vezes, quando os percevejos se tornavam mais ameaçadores, a solução consistia em queimar um pouco de enxofre, obrigando-os a retirar para o quarto do lado; então, o inquilino do lado podia ripostar, queimando enxofre.

fre no seu quarto e devolvendo os percevejos de volta. O hotel era um lugar sujo, mas acolhedor, porque Madame F. e o marido eram boas pessoas. A renda paga pelos quartos variava entre trinta e cinquenta francos por semana.

Os clientes constituíam uma população flutuante, com uma ampla percentagem de estrangeiros, que chegava sem bagagem, ficava uma semana e voltava a desaparecer. Era gente de todos os ofícios — sapateiros, pedreiros, canteiros, trabalhadores de aterros, estudantes, prostitutas, trapeiros. Alguns eram extraordinariamente pobres. Numa das mansardas, havia um estudante búlgaro que fabricava sapatos de fantasia para o mercado americano. Das seis da manhã ao meio-dia, ficava sentado na cama, e fazia uma dúzia de pares de sapatos que lhe valiam trinta e cinco francos; durante o resto do dia, frequentava as lições da Sorbonne. Estava a estudar para padre, e no chão do seu quarto os livros de teologia misturavam-se com tiras de cabedal. Noutro dos quartos, vivia uma russa com o filho, que se autointitulava «artista». A mãe trabalhava dezasseis horas por dia, arranjando meias a vinte e cinco centavos cada uma, enquanto o rapaz, bem vestido, vagueava pelos cafés de Montparnasse. Havia um quarto que tinha dois inquilinos, um deles que trabalhava de dia enquanto o outro era trabalhador noturno. E noutro quarto, um viúvo partilhava a cama com as duas filhas adultas, ambas doentes do peito.

Havia tipos excêntricos no hotel. Os bairros marginais de Paris são um ponto de encontro para todos os tipos de gente fora do habitual — gente que se consagra a modos de vida solitários e semiloucos, e que há muito deixou de tentar parecer normal ou manter-se apresentável. A pobreza liberta certas pessoas dos modelos comuns de comportamento, do mesmo modo que o dinheiro liberta outras da obrigação de trabalhar. Alguns dos habitantes do nosso hotel tinham vidas que estão além de toda a descrição.

Havia, por exemplo, os Rougiers, um casal de velhotes andrajosos e quebrados, que vivia de um comércio fora do vulgar. Vendiam postais no Boulevard Saint-Michel. O curioso era que os postais eram vendidos por eles dentro de envelopes fechados como acontece com os desenhos pornográficos, quando na realidade não passavam de fotografias dos castelos do Loire; os compradores só desco-

briam o logro tarde demais e, evidentemente, não podiam apresentar queixa do facto à polícia. Os Rougiers ganhavam assim cerca de cem francos por semana, e, com estrito sentido de economia, arranjavam maneira de estar sempre meio bêbedos e com o estômago meio vazio. A porcaria do quarto deles era de tal ordem, que o cheiro se sentia no andar de baixo. Segundo Madame F., nenhum dos Rougiers mudava de roupa há quatro anos.

Havia também Henri, que trabalhava nos esgotos. Alto, melancólico, cabelos ondulados, de aspeto romântico com as suas botas de cano alto de trabalhador das cloacas. A peculiaridade de Henri era não falar, exceto por exigências de trabalho, durante dias e dias. Apenas um ano antes, fora motorista, tivera um bom emprego e andava bem pago. Um dia apaixonou-se, e quando a rapariga o recusou, perdeu a cabeça e cobriu-a de pontapés. Com os pontapés, a rapariga apaixonou-se desesperadamente por Henri e, durante os breves dias que viveram juntos, a bolsa de Henri foi aliviada em cerca de mil francos. Depois, a rapariga mostrou-se infiel; Henri deu-lhe uma facada no antebraço, que lhe valeu seis meses de prisão. Mas, depois da cena da faca, ela mostrou-se mais apaixonada do que nunca por ele; a zanga acabou e combinaram os dois que, quando Henri fosse posto em liberdade, comprariam um táxi, ficariam estabelecidos e independentes, casando. Pouco depois a rapariga voltou a ser infiel, e quando Henri saiu da prisão, descobriu que ela estava grávida. Desta vez, não a castigou. Pegou em todo o dinheiro que tinha e embebedou-se até ir de novo para trás das grades por um mês; a seguir, começou a trabalhar nos esgotos. Não havia nada que conseguisse fazê-lo falar. Se se lhe perguntava porque é que fora trabalhar para os esgotos, não respondia, limitando-se a cruzar os dois pulsos, como se estivesse algemado, e abanava a cabeça, indicando a direção da prisão. A pouca sorte parecia tê-lo feito perder o juízo de um dia para o outro.

Havia depois R., um inglês, que vivia seis meses em Putney, na companhia dos pais, e seis meses em França. Durante as suas estadas em França, bebia quatro litros de vinho por dia e seis litros aos sábados; uma vez viajara até aos Açores, porque o vinho era aí mais barato do que em qualquer outro lugar da Europa. Era uma criatura simpática e tranquila; nunca gritava nem se metia em rixas, e nunca

estava sóbrio. Ficava na cama até ao meio-dia e, a partir dessa hora até à meia-noite, estava sempre no mesmo canto do *bistrot*, bebendo calma e metodicamente a sua dose habitual. Enquanto bebia, falava, com voz estudada e com entoações femininas, de móveis antigos. Além de mim, R. era o único inglês a viver naquele bairro.

Havia mais uma quantidade de pessoas cujas vidas não eram menos excêntricas: Monsieur Jules, o romeno, que tinha um olho de vidro e não admitia esse facto; Fureux, o canteiro do Limousin; Roucolle, o avarento — que morreu, antes da minha chegada —; o velho Laurent, o trapeiro analfabeto que copiava a própria assinatura de um pedaço de papel que tinha sempre consigo na algibeira. Seria interessante aprofundar algumas destas biografias, se o tempo o permitisse. Mas estou a tentar descrever as pessoas do bairro, não por simples curiosidade, mas porque são parte integrante da descrição que me propus, neste livro, fazer da pobreza. O certo é que foi neste bairro de terceira que tive o meu primeiro contacto com ela. O bairro, com as suas vidas pouco limpas e apertadas, foi primeiro uma lição objetiva de pobreza e, mais tarde, o pano de fundo das minhas próprias experiências diretas da coisa. É por isso que estou a tentar dar uma ideia de como por lá se vivia.

2.

A vida no bairro. O nosso *bistrot*, por exemplo, no rés do chão do Hôtel des Trois Moineaux. Uma sala com chão de tijolo, pequena e semissubterrânea, com mesas sujas de vinho, e uma fotografia de um enterro com a inscrição «O Fiado Morreu»⁵; operários, com uma faixa vermelha à cintura, cortando salsichões às rodelas com as suas grandes navalhas de bolso; e Madame F., uma esplêndida camponesa do Auvergnat, com uma cara de vaca teimosa, a beber durante todo o dia vinho de Málaga «para o estômago»; e os *apéritifs* jogados aos dados; e as canções acerca de *Les Fraises et les Framboises*, e de Madelon, que um dia disse: «*Comment épouser un soldat, moi qui aime tout le régiment?*»; e, ainda, o amor por ali prodigiosamente feito em público.⁶ Gostava que me dissessem onde há em Londres um *pub* com uma quarta parte de tal animação.